

Regimentos e Batalhões, Brigadas e Divisões: organização e denominação das unidades militares ocidentais através dos tempos¹

Regiments and Battalions, Brigades and Divisions: organization and denomination of Western military units throughout history

Resumo: O propósito deste trabalho é examinar as origens das denominações e organização das unidades militares no mundo ocidental, bem como das suas subunidades e das grandes unidades que as enquadram. O artigo examina, inicialmente, as origens da organização e denominação das unidades militares ocidentais a partir da criação dos exércitos profissionais no início da Idade Moderna. Em seguida, discute a consolidação dos regimentos e batalhões, a partir do modelo espanhol dos terços e esquadrões de infantaria, e sua evolução para os modelos neerlandês, de Maurício de Nassau, e sueco, de Gustavo Adolfo. Prossegue, discutindo a aplicação desses modelos às unidades de cavalaria e artilharia, e a formação de grandes unidades dos níveis da brigada e da divisão. Finalmente, apresenta o modelo militar ocidental que se consolidou no século XX.

Palavras-chave: Linguagem Militar. Termos Militares. Unidades Militares. Conceitos Militares.

Abstract: The purpose of this paper is to examine the origins of the denominations and organization of military units in the western world, as well as their composing subunits and the larger units that comprise them. The article initially examines the origins of the organization and denomination of Western military units from the creation of professional armies in the early Modern Age. Then, it discusses the consolidation of regiments and battalions, based on the Spanish model of infantry Tercios and Escuadrones, and its evolution into the Dutch model, by Maurice of Nassau, and the Swedish one, by Gustavus Adolphus. It goes on to discuss the application of these models to cavalry and artillery units, and the formation of large units at the brigade and division levels. Finally, it presents the western military model that was consolidated in the 20th century.

Keywords: Military Language. Military Terms. Military Units. Military Concepts.

Fernando Velôzo Gomes Pedrosa 
Exército Brasileiro, Escola de Comando e
Estado-Maior do Exército.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
velozopedrosa@yahoo.com.br

Recebido: 4 jun. 2020

Aprovado: 23 jul. 2020

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1. O autor registra seu agradecimento ao Dr. Adler Homero Fonseca de Castro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pelo gentil e preciso assessoramento prestado quanto a aspectos técnicos de armamentos e fortificações.

1 Introdução

O termo “unidade militar” pode ser entendido como um grupamento de forças com uma missão específica de combate ou apoio, enquadrado por uma organização militar mais abrangente. As unidades militares existentes nos exércitos ocidentais modernos são denominadas companhias, esquadrões, baterias, regimentos, batalhões, brigadas e divisões. Mas entende-se que há um escalonamento das formações militares, de acordo com suas dimensões, poder de combate e capacidade de operar com autonomia. De acordo com este entendimento, uma “unidade” é uma formação militar de uma única arma (infantaria, cavalaria, artilharia etc.) ou atividade (logística, ações comandos, operações psicológicas etc.), composta por várias centenas de soldados – em geral, de 500 a 1.000 oficiais e praças – e comandada por um coronel ou tenente-coronel. A “unidade” é, por sua vez, composta por diversas “subunidades”, chamadas companhias, esquadrões ou baterias (dependendo da arma ou especialidade a que pertencem), compostas por cerca de 100 a 200 homens (dependendo de sua natureza) e comandadas por um capitão.

Embora uma “unidade” militar tenha vida própria, certo nível de autonomia administrativa, sua própria bandeira, história e tradições, ela não tem capacidade de operar de forma autônoma, pois carece da multiplicidade de capacidades que só pode ser obtida em estruturas maiores e dotadas de combinação de armas de combate, apoio ao combate e apoio logístico. Este nível de combinação ocorre no nível das “grandes unidades”, que reúnem “unidades” de diversas armas¹ e especialidades, em combinações adequadas ao emprego em operações autônomas. As “grandes unidades” são comandadas por oficiais gerais e podem ser “brigadas” ou “divisões”.

A proposta deste artigo é compreender como surgiram e se consolidaram os modelos de organização e as denominações das unidades militares no mundo ocidental desde o início da Idade Moderna até o século XX. A primeira seção examina as origens da organização das unidades militares ocidentais, a partir do seu primeiro tipo de formação, a companhia medieval. A segunda seção discute o surgimento e a consolidação das unidades militares dos níveis de regimento e batalhão, a partir do modelo espanhol dos terços e esquadrões de infantaria, e sua evolução para os modelos neerlandês, de Maurício de Nassau, e sueco, de Gustavo Adolfo. A terceira seção discute a aplicação desses modelos às unidades de cavalaria e artilharia. A quarta seção traça as origens da formação de grandes unidades dos níveis da brigada e da divisão. A quinta e última seção apresenta o modelo militar ocidental que se consolidou no século XX, em função das experiências das duas guerras mundiais e da Guerra Fria. A conclusão comprova a consolidação de um modelo militar ocidental, caracterizado por uma tipologia compartilhada de armas, unidades e grandes unidades militares, e por uma terminologia comum para designar as unidades militares, a despeito da existência de algumas divergências pontuais. Também constata a crescente complexidade e sofisticação das estruturas organizacionais das forças militares ocidentais, desde sua criação no século XVI, até o final do século XX.

1 Especialidade militar das tropas combatentes de um exército. Podem ser armas de combate aproximado – infantaria e cavalaria e/ou blindados – e armas de apoio ao combate – artilharia, engenharia e comunicações. Os exércitos também possuem unidades de apoio logístico – suprimento, manutenção, transporte, saúde.

2 A companhia medieval

Os primeiros exércitos permanentes europeus surgiram no início da Idade Moderna, a partir de formações militares de origem medieval, as “companhias”. Na Idade Média, o termo “companhia” era empregado para designar um grupo de companheiros em armas liderados por um “capitão” (o cabeça do grupo). O capitão era um homem de certa importância local ou experiência militar, que era comissionado por alguma autoridade superior para recrutar uma companhia de soldados em uma região mais ou menos definida (MCNEILL, 1984, p. 107). Cabia-lhe reunir e liderar a companhia, bem como o privilégio de nomear seus principais auxiliares e desenhar a bandeira que a identificava (PARKER, 2004, p. 29-30). A bandeira era conduzida por um porta-bandeira ou “alferes”, que era o segundo oficial da companhia e eventual substituto do capitão. A Companhia era a unidade básica dos exércitos europeus desde o século XIV (PARKER, 2004, p. 10), mas até o início da Idade Moderna, o termo “companhia” era muito vago. Não tinha um significado preciso em termos de efetivo ou composição da tropa. Podia referir-se a tropas de infantaria ou de cavalaria indistintamente, e reunir muitas centenas ou apenas uns poucos soldados; podia incluir aleatoriamente cavaleiros, escudeiros, homens-de-armas e arqueiros e besteiros.²

3 Regimentos e Batalhões

Até as primeiras décadas do século XVI, não havia qualquer escalão militar acima das “companhias”, e estas subordinavam-se diretamente ao chefe do exército (MCNEILL, 1984, p. 107-108). As companhias de cavalaria tinham efetivos muito menores que as de infantaria, tendo em vista o custo de aquisição e cuidados com as montarias, bem como a perda de importância das forças montadas no final da Idade Média. Ao longo do século XVI, os efetivos de uma companhia de infantaria europeia variava de 150 a 300 homens, enquanto as companhias de cavalaria reuniam cerca de 60 a 80 cavaleiros ou menos.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, surgiram expressões como “regimento”, “terço”, “batalhão” e “esquadrão”, para se referirem a unidades militares que reuniam diversas companhias. O uso da palavra “regimento” no sentido de unidade de um exército teria sido registrado pela primeira vez na França na década de 1550, e indicava uma unidade colocada sob o comando de um coronel (RÉGIMENT, c2012). Os modernos exércitos permanentes europeus surgiram durante o processo de consolidação dos Estados ao longo do século XV e XVI, como forma de afirmar a autoridade real diante das ameaças e dos desafios representados pelos senhores feudais, protegidos pelas muralhas de seus castelos e contando com pequenos exércitos privados. Em 1444, Carlos VII da França criou as primeiras forças regulares de um Estado da Europa Ocidental, as *compagnies d'ordonnance*, a fim de reprimir os ataques e saques dos bandos armados de mercenários desempregados. Mas ao contrário da prática medieval de contratar capitães mercenários que se encarregariam do recrutamento e do pagamento dos soldados, a Coroa se reservava o direito de nomear todos os capitães, definir o número de soldados e seu local de aquartelamento. Todos os oficiais e soldados seriam pagos pela Coroa, caracterizando uma força permanente e profissional (HOWARD,

2 Sobre a variedade de efetivos de uma “companhia” de soldados na Idade Média, ver Ayton (2017).

1997, p. 30-31). O êxito desse modelo permitiu que, no começo do século XVII, companhias de ordenanças fossem reunidas sob o comando – ou “regimento” – de um coronel. Este modelo de origem francesa difundiu-se na maioria dos países europeus, bem como o nome de “regimento” para designar unidades comandadas por um coronel e compostas por várias companhias.

Mas a Espanha precedera a França na organização de unidades de infantaria de grande porte. Até o início do século XVI, as companhias só eram reunidas, de maneira improvisada, para a realização de expedições ou campanhas militares. Mas, em 1536, o Imperador Carlos V expediu uma ordenança que dava organização regular ao exército espanhol na Itália. Na ocasião, foram organizados três *Tercios* de tropas espanholas, cada um reunindo certo número de companhias e comandado por um mestre-de-campo – grau hierárquico correspondente a coronel de infantaria (ESPAÑA, 2017).

Ao longo da história europeia, os efetivos dos regimentos de infantaria variaram de algumas centenas a mais de três mil homens. Os regimentos de cavalaria sempre tiveram efetivos menores que os de infantaria, tendo em vista os custos de aquisição e manutenção de grande número de animais. O menor efetivo dos regimentos de cavalaria também resultava do fato de que, à força do homem montado, somavam-se a velocidade, a força e o porte de um animal de cerca de 500 quilos. De uma maneira geral, desde a Idade Moderna até a introdução de veículos motorizados, os regimentos de cavalaria eram compostos por algumas centenas de cavaleiros, raramente chegando a mil homens. Esta diferença de efetivos entre as unidades de infantaria e as de cavalaria era recorrente em todos os exércitos ocidentais e se reproduziu quando a arma de cavalaria adotou os veículos blindados e carros de combate³ no começo do século XX. Neste caso, veículos de grande poder de fogo podiam ser operados por pequenas guarnições de homens, mas com enorme poder letal.

Entre os séculos XVI e XVII, os efetivos dos terços espanhóis e dos regimentos de infantaria europeus eram bastante flexíveis. Idealmente, cada uma de suas companhias deveria ter entre 200 e 300 homens, entre mosqueteiros/arcabuzeiros e piqueiros.⁴ Assim, o efetivo de um terço ou regimento de infantaria organizado com 10 companhias deveria ser de cerca de 2.000 a 3.000 homens. Na prática, os efetivos eram menores. Os três terços espanhóis empregados nos Países Baixos em maio de 1571, organizados com 10 e 11 companhias, tinham efetivos médios de 1.611 homens (PARKER, 2004, p. 233-235).

O terço espanhol, assim como o regimento, era uma unidade mais administrativa do que tática (PARKER, 2004, p. 10). Cuidava do recrutamento, instrução, pagamento, disciplina etc. Para o combate, o terço (ou regimento) formava uma unidade tática compacta, que combinava armas de estocada (piques)⁵ e de fogo (arcabuzes e mosquetes),⁶ sob o comando do sargento-

3 Veículo pesadamente blindado, dotado de lagartas e armado com canhão de grosso calibre e metralhadoras.

4 Soldados armados com piques.

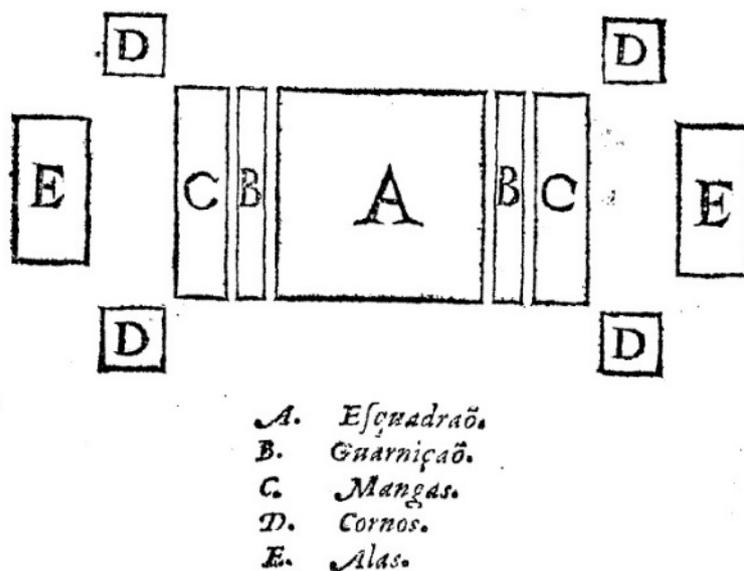
5 O pique era uma lança longa usada pela infantaria desde o final da Idade Média até o início do século XVIII. Seu comprimento variava muito, dependendo do lugar e da época. Em 1536, o capitão espanhol Diego de Salazar anotou que o pique media nove “codos” – cerca de 4,5 metros (SALAZAR, 1590, p. 21v).

6 Os arcabuzes foram as primeiras armas de fogo portáteis, criadas na segunda metade do século XV. Eram armas longas, acionadas por uma mecha em brasa. Os mosquetes foram uma evolução dos arcabuzes, surgida no começo do século XVI. Os mosquetes eram mais longos e mais pesados do que os arcabuzes, e tinham maior poder de penetração em armaduras (CHASE, 2008, p. 61).

-mor,⁷ que deveria ser um oficial bastante experiente. Esta unidade era chamada esquadrão, mas em alguns países, como a França, era chamado de batalhão (Cf. ALCAZAR Y ZUÑIGA, 1703; PAVE, 1548). Cabia ao sargento-mor o cálculo das fileiras e colunas, a formação do esquadrão ou batalhão e sua condução em combate.

As Figuras 1 e 2, extraídas do livro *Arte militar*, publicado em 1612 pelo português Luis Mendes de Vasconcelos, mostram, esquematicamente, uma força de infantaria disposta “em batalha”. Na Figura 1, pode-se ver um esquadrão (A) formado em dispositivo quadrangular ao centro da “batalha”. O esquadrão, composto exclusivamente por piqueiros, é ladeado por “guarnições” (B) e “mangas” (C) de mosqueteiros, e “alas” de cavalaria (E). Nos ângulos do dispositivo, posicionam-se quatro “cornos”, também compostos por mosqueteiros (D). A Figura 2 mostra um terço de 3.000 homens formado em batalha. Ao centro do dispositivo, vê-se o esquadrão de piqueiros (p), tendo cornos de mosqueteiros nos quatro ângulos (o). No centro do esquadrão veem-se as bandeiras (b), correspondentes às 10 companhias do terço. Idealmente, um esquadrão ou batalhão de infantaria deveria ter de 800 a 1.000 homens (ALCAZAR Y ZUÑIGA, 1703, p. 4), mas os manuais militares da época apresentavam orientações para a formação de esquadrões que podiam variar de 100 a 10.000 homens (Cf. CARRION PARDO, 1595; VASCONCELOS, 1612).

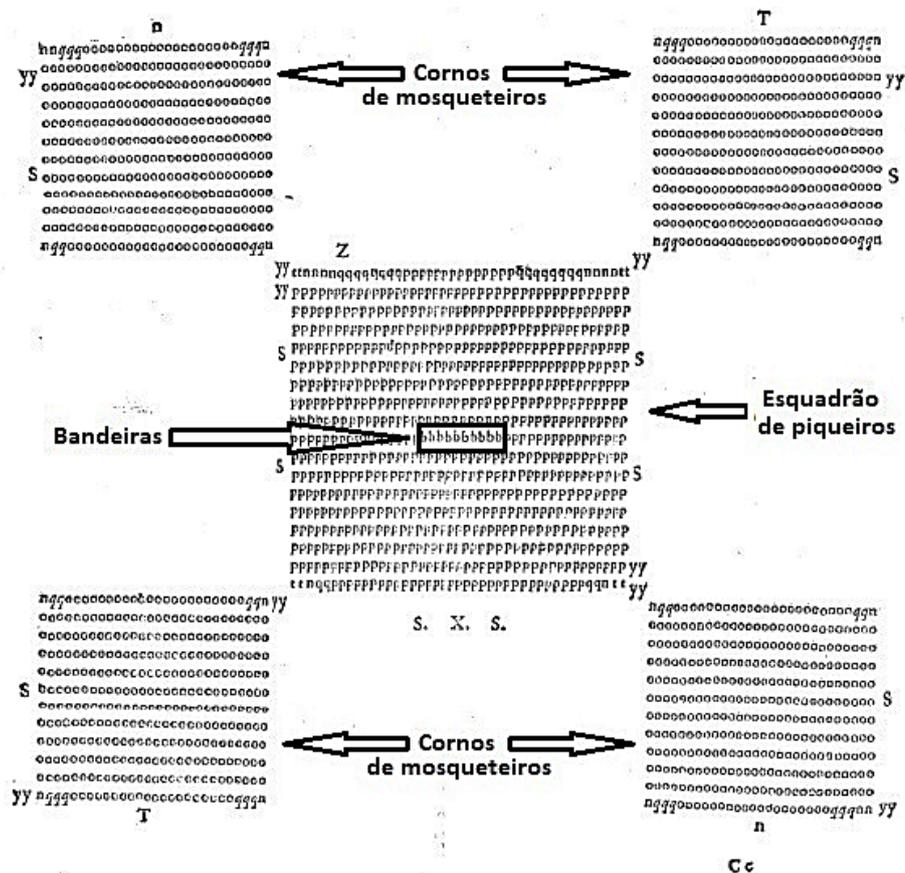
Figura 1 – Força de infantaria do século XVII disposta para o combate.



Fonte: Vasconcelos (1612, p. 109).

7 O título ou grau hierárquico de “sargento-mor” consolidou-se mais tarde em sua forma abreviada como “major”, e não tem correspondência com a atual figura do sergeant major dos exércitos de tradição anglo-americana. O sargento-mor era um oficial superior subordinado diretamente ao coronel comandante do regimento, enquanto o sergeant major é um praça da categoria dos sargentos.

Figura 2 – Terço de 3.000 homens formado em batalha.



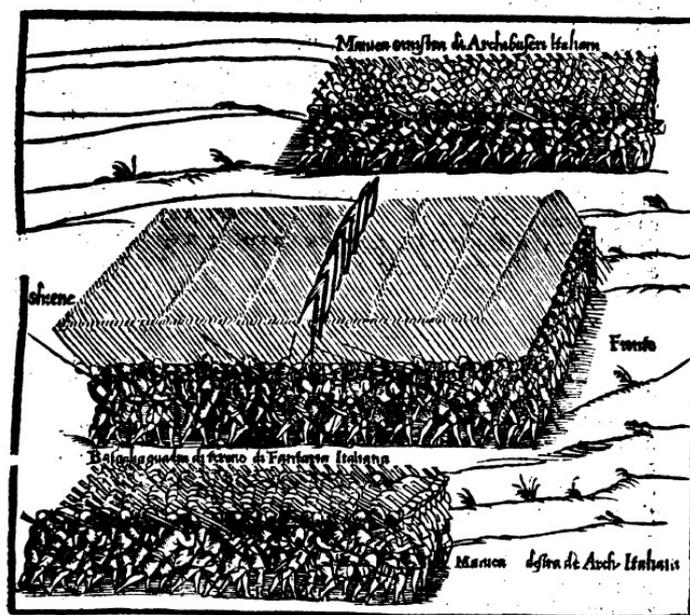
Fonte: Vasconcelos (1612, p. 150-151), com legendas explicativas minhas.

A palavra esquadrão tem origem italiana – *squadrone* –, com o sentido de uma grande *squadra* – grupo de soldados formados em quadrilátero. Seu significado mais conhecido, e que se consolidou com o passar do tempo na terminologia militar ocidental, é o de uma subunidade de um regimento de cavalaria. Mas nos séculos XVI e XVII, significava uma tropa de infantaria formada em dispositivo quadrado e armada com picos, destinada a resistir ao choque do inimigo, como as antigas falanges gregas (SQUADRA, c2004-2008; SQUADRONE, c2004-2008). O termo batalhão também vem do idioma italiano – *battaglione* – e originalmente indicava uma unidade composta por diversas *battaglia*, que era um dos nomes dados às companhias na Itália do início da Idade Moderna (BATTAGLIONE, c2004-2008). A imprecisão conceitual e multiplicidade vocabular é uma característica do período de surgimento e consolidação das instituições militares modernas. Na literatura militar da época, observa-se a tendência ao uso indistinto dos termos regimento, batalhão e esquadrão para se referir a uma unidade de infantaria comandada por um coronel e composta por várias companhias. E, dependendo do país ou região da Europa, a “companhia” podia ser chamada “bandeira” ou “batalha”.⁸

8 Como ilustração desta imprecisão, ver Feio (2018).

Ao longo do século XVI e início do XVII, assim como o terço ou regimento, a companhia tinha funções predominantemente administrativas. O esquadrão de infantaria e seus órgãos acessórios – mangas, cornos etc. – eram as unidades táticas e principais atores das ações de combate. Quando um terço ou regimento tomava o dispositivo de combate, os piqueiros de todas as companhias eram reunidos para formar o esquadrão, enquanto os arcabuzeiros e mosqueteiros eram empregados para formar os cornos e mangas, independentemente de suas companhias. O papel principal era desempenhado pelo sargento-mor. Cabia-lhe analisar o terreno, o inimigo e o número de homens disponíveis em sua unidade, a fim de escolher a formação mais adequada e calcular o número de fileiras e colunas de cada um dos elementos de sua “batalha”, bem como dirigir a tomada do dispositivo e a condução do combate. Nesta tarefa, era auxiliado pelos capitães das companhias e seus sargentos. A experiência militar e a capacidade de calcular rapidamente o número de fileiras e colunas era o principal atributo do sargento-mor. Para o cálculo do dispositivo, o sargento-mor podia usar uma série de fórmulas matemáticas, mas também lançar mão de tabelas disponíveis nos principais tratados militares da época (Cf. FEIO, 2018; VALLE, [1521]).⁹ A mistura de companhias na organização de uma batalha de infantaria pode ser observada na Figura 3. Nela, vê-se um regimento italiano composto por oito companhias, identificadas pelas oito bandeiras desfraldadas no centro do compacto batalhão de piqueiros, que avança ladeado por duas mangas de arcabuzeiros.

Figura 3 – Regimento do século XVI em formação de combate com um batalhão de piqueiros e duas mangas de arcabuzeiros.

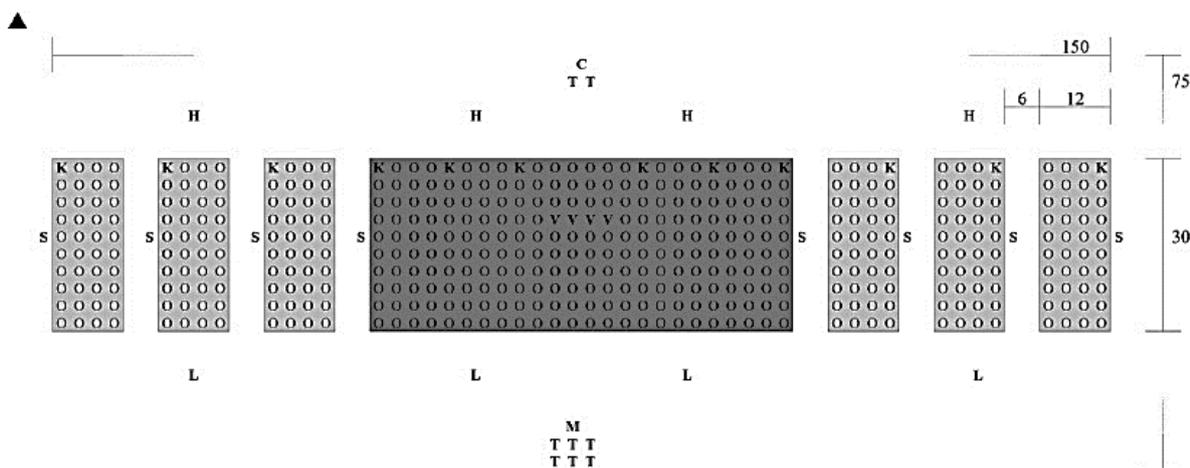


Fonte: Ferretti (1568, p. 73).

⁹ Sobre o papel central do sargento-mor como a alma que move o esquadrão, ver Alcazar y Zuñiga (1703, p. 6); sobre o papel dos capitães das companhias como meros auxiliares do sargento-mor na constituição do esquadrão, ver Melo (1744, p. 275-277). As fórmulas e tabelas de cálculo de fileiras e colunas dos esquadrões podem ser encontradas, entre outros títulos, em Melo (1744), Carrion Pardo (1595) e Vasconcelos (1612).

Ao longo do século XVII, o aperfeiçoamento das armas de fogo permitiu que as unidades de infantaria europeias aumentassem a proporção das armas de fogo em relação aos piques, favorecendo a redução dos efetivos dos regimentos e terços de infantaria. Durante a Guerra dos 80 Anos contra a Espanha (1568-1648), Maurício de Nassau, Príncipe de Orange,¹⁰ reformou a infantaria neerlandesa entre 1585 e 1620, a fim de adotar unidades de combate de cerca de 500 homens, chamadas “divisões” ou “meios-regimentos”. Cada regimento neerlandês deveria ser subdividido em dois “meios-regimentos” (PUYPE, 1997, p. 69-112). A razão entre piqueiros e arcabuzeiros/mosqueteiros no meio-regimento foi equalizada em 240 de cada. Para obter o máximo de vantagem do poder de fogo dos arcabuzes e mosquetes, o dispositivo de combate dos meios-regimentos neerlandeses passou a ser mais largo e menos profundo, com apenas 10 fileiras, em vez das dezenas de fileiras que chegavam a ser necessárias para compor um esquadrão espanhol. Três a quatro desses meios-regimentos eram reunidos para formar uma “brigada” de 1.500 a 2.000 homens, que combatia de forma articulada e mais flexível do que os enormes “esquadrões” maciços de 1.000 a 3.000 homens da infantaria espanhola (GROOT, 2017). A Figura 4 mostra o dispositivo de combate de um meio-regimento de infantaria neerlandês de 500 homens formado em 10 fileiras. O bloco mais escuro indica os 240 piqueiros; os mais claros indicam os 240 mosqueteiros e arcabuzeiros. Ao centro do bloco de piqueiros, veem-se as bandeiras (V) das quatro companhias que compõem o meio-regimento. O coronel (C) e os capitães das companhias (H) posicionam-se à frente da tropa. Os tenentes das companhias (L) e o segundo em comando (tenente-coronel ou sargento-mor) (M) formam à retaguarda.

Figura 4 – Dispositivo de combate de um meio-regimento de infantaria neerlandês.



Fonte: Groot (2017, p. 17).

10 Não deve ser confundido com seu primo mais jovem, o Conde João Maurício de Nassau-Siegen, que governou o Brasil holandês entre 1637 e 1644.

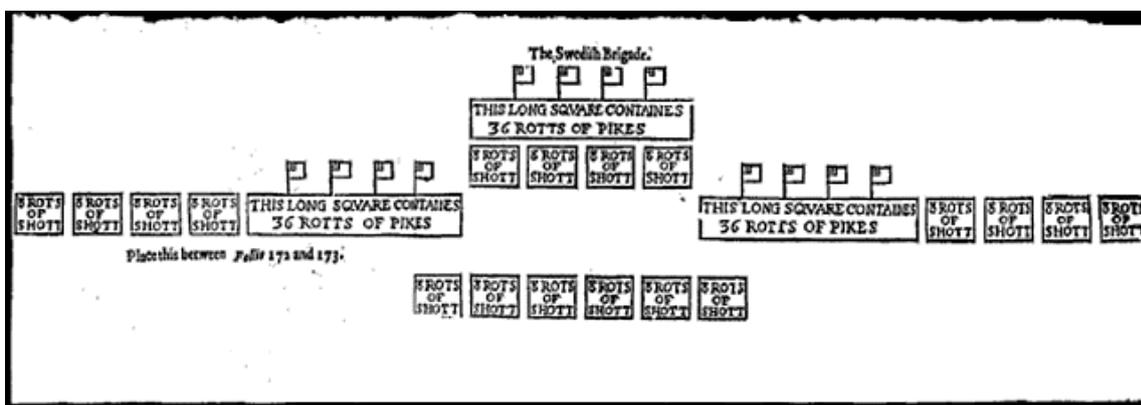
Os desafios militares representados pela Guerra do 30 Anos (1618-1648), levaram outras potências europeias a acompanhar e aperfeiçoar o modelo neerlandês. Na Suécia, o Rei Gustavo Adolfo (r. 1611-1632) introduziu uma série de aperfeiçoamentos que deram ao Exército Sueco feições completamente diferentes do modelo espanhol, que ainda era hegemônico na Europa. A primeira delas foi o estabelecimento de um sistema de conscrição rigorosamente executado, o que permitiu um fluxo permanente de soldados para as fileiras dos seus regimentos (BRZEZINSKI, 1991).

A unidade básica do Exército de Gustavo Adolfo era o Regimento de Infantaria. Segundo a organização estabelecida por ele em 1621, um regimento de infantaria deveria ter o efetivo de 1.156 homens, organizados em oito companhias de 142 soldados. O aumento do volume de fogo das armas leves permitiu-lhe diminuir o número de piqueiros em relação aos mosqueteiros. Até 1620, a infantaria espanhola tinha uma razão de 3:2 entre piqueiros e arcabuzeiros. Nos exércitos espanhol e holandês de 1620, a razão entre piqueiros e mosqueteiros havia diminuído para 1:1. Gustavo Adolfo reduziu-a para 3:4 (GROOT, 2017, p. 36). O regimento teria um total de 432 piqueiros e 576 mosqueteiros em suas fileiras (BRZEZINSKI, 1991, p. 8). Mas, como os regimentos e companhias eram organizações predominantemente administrativas, para o combate, os suecos organizavam grupamentos de forças temporários – os esquadrões e as brigadas de três a quatro esquadrões. Os esquadrões suecos, organizados com 504 soldados, eram semelhantes aos meios-regimentos neerlandeses concebidos por Maurício de Nassau (THE SWEDISH..., 1632). Em tese, cada regimento poderia formar dois esquadrões, se estivesse com seu efetivo completo. Por isto, a formação de uma brigada de três esquadrões exigia a reunião de pelo menos dois regimentos.

A maior letalidade dos novos mosquetes também permitiu que as formações de infantaria fossem ainda menos profundas. O exército de Gustavo Adolfo passou a adotar a profundidade de seis fileiras, no lugar das 10 do exército neerlandês. Para o combate, cada esquadrão de infantaria desdobrava-se em um bloco de piqueiros e quatro “pelotões” de mosqueteiros, todos com seis fileiras de profundidade. O bloco de piqueiros era composto por 216 homens formados em 36 filas (*rotts*). Cada um dos quatro “pelotões” de 48 mosqueteiros formava em oito filas. Os mosqueteiros restantes do esquadrão eram reunidos à sua retaguarda ou à retaguarda de brigada, também formados em dois pelotões, como uma reserva de fogo, a ser empregada a critério do comandante do esquadrão ou da brigada (BARRIFFE, 1661 apud BLACKMORE, 2012, p. 70-71). A Figura 5 mostra a formação de uma brigada sueca, organizada com três esquadrões de infantaria, todos compostos por quatro companhias, que podem ser identificadas pelas quatro bandeiras reunidas em cada bloco de piqueiros. O esquadrão central está formado com os pelotões de mosqueteiros à retaguarda do bloco de piqueiros. Os esquadrões das alas direita e esquerda formam com os blocos de piqueiros em posição mais central, protegidos pelos pelotões de mosqueteiros, de se colocam em posições externas. À retaguarda do dispositivo da brigada, veem-se seis pelotões de mosqueteiros, dois oriundos de cada esquadrão.

Em relação às armas de fogo de infantaria, Gustavo Adolfo diminuiu o calibre dos mosquetes, a fim de torná-los mais leves e dispensar as forquilhas de apoio. O aligeiramento dos mosquetes permitiu aos suecos abandonar os arcabuzes, padronizando as armas de fogo da infantaria. Para facilitar e agilizar o carregamento das armas e aumentar a cadência de tiro dos mosqueteiros, o Rei sueco introduziu o cartucho de papel, que trazia a bala e a carga de pólvora no mesmo invólucro (FULLER, 1998, p. 98).

Figura 5 – Formação de uma brigada sueca, organizada com três esquadrões de infantaria.



Fonte: Blackmore (2012, p. 71).

A despeito dos evidentes desenvolvimentos militares ocorridos no século XVII nos Países Baixos e na Suécia, vê-se que as organizações militares básicas dos exércitos europeus seguiam sendo o regimento e a companhia, consolidados no século XVI. Da mesma forma, suas funções continuavam sendo basicamente administrativas. Regimentos e suas companhias forneciam os homens e estrutura de comando para a constituição das unidades táticas que eram formadas para o combate. Não havia sequer um nome de uso comum para essa unidade tática – podia ser chamada de esquadrão, batalhão, meio-regimento ou divisão. Observa-se também o surgimento do “pelotão”, como a subunidade tática de um esquadrão ou batalhão. No seu surgimento, o pelotão não correspondia necessariamente a uma companhia e tampouco era uma de suas subdivisões. Era um agrupamento de algumas dezenas de homens, formados para fazer fogo de mosquete em salvas (BLACKMORE, 2012, p. 70).

O final do século XVII assistiu a adoção generalizada dos fuzis de pederneira¹¹ e das baionetas pelos exércitos europeus. Isto resultou no abandono dos piques e na padronização do armamento das unidades de infantaria (MCNEILL, 1984, p. 141-142). No início do século XVIII as unidades de infantaria dos exércitos europeus estavam armadas com fuzis de pederneira dotados de baionetas, o que simplificava seu emprego tático e lhes permitia defender-se da ação da cavalaria, empregando formações em quadrado, nas quais todos os soldados eram capazes de fazer fogo de fuzis e empregar suas baionetas como armas de estocada.

O século XVIII também assistiu à padronização das unidades e subunidades dos exércitos. Como observou um escritor militar coetâneo, a organização geral dos exércitos europeus era “quase universalmente a mesma – companhias, batalhões, regimentos, brigadas, divisões, alas, linhas” (DUNDAS, 1788, p. 55). Na infantaria, consolidara-se o regimento como unidade básica dos exércitos. Mesmo o exército espanhol seguiu a tendência geral europeia após o encerramento ruinoso da Guerra dos 80 Anos em 1648 e o declínio do modelo dos seus *tercios* e esquadrões. Em

11 A palavra “fuzil” designava a peça de aço com ranhuras que, percutida por uma peça de sílex (ou pederneira), produzia faíscas para a deflagração da pólvora. Nas línguas latinas, o termo fuzil acabou servindo para designar o mosquete de pederneira e, por extensão, as armas de fogo longas de emprego militar.

1714 a Coroa espanhola transformou seus terços de infantaria em regimentos, subdivididos em batalhões e estes em companhias (MARTÍNEZ DE MERLO, 2017, p. 185).

Conforme o modelo militar europeu do século XVIII, o regimento de infantaria empregava o batalhão como sua unidade tática de combate. Seguia havendo, entretanto, certa indefinição entre os termos regimento e batalhão. Regimentos com efetivos reduzidos formavam apenas um batalhão. Regimentos de efetivos maiores eram organizados em múltiplos batalhões. Os regimentos eram constituídos por um número variável de companhias, que não eram suas subunidades táticas. Em combate, as companhias formavam uma ou mais subunidades táticas denominadas pelotões, constituídas por algumas dezenas de homens. Este é o modelo encontrado nos regulamentos militares dos principais países ocidentais do período (Cf. ESPAÑA, 1768, p. 2; UNITED STATES, 1779, p. 8; FRANCE, 1776, p. 85-87; UNITED KINGDOM, 1795, p. 82; SCHAUMBOURG LIPPE, 1794, p. 2-3).

4 Cavalaria e Artilharia

As unidades de cavalaria haviam passado por um processo semelhante de organização e padronização. No início da Idade Moderna, a cavalaria europeia era uma reserva da aristocracia, e organizava-se em unidades bem menores do que as de infantaria. Até o início do século XVII, a unidade básica da cavalaria europeia era companhia. Para emprego em combate, a cavalaria formava uma unidade tática chamada de esquadrão pelos franceses e de batalhão pelos espanhóis e seus seguidores. Esse esquadrão ou batalhão não tinha constituição fixa, podendo ser organizado com os efetivos de uma ou mais companhias de cavalaria – algo entre 75 e 200 cavaleiros (PRIORATO, [166-]). Em meados do século XVII, as companhias de cavalaria passaram a ser reunidas em regimentos, primeiro pelos franceses e logo pelos espanhóis (PARKER, 2004, p. 16-17, p. 235). O declínio do modelo militar espanhol fez com que se consolidasse o termo esquadrão para as subunidades táticas dos regimentos de cavalaria. Segundo esse modelo, cada esquadrão seria formado pela reunião de duas companhias, de maneira que um regimento de cavalaria composto por oito companhias poderia desdobrar quatro esquadrões em combate. Assim, da mesma forma como acontecia na infantaria, o regimento de cavalaria organizava-se para o combate compondo suas subunidades táticas com os efetivos fornecidos por suas companhias, cujas funções eram basicamente administrativas. Mas diferentemente da infantaria, na qual as companhias transformavam-se em pelotões de combate, cada um comandado por seu capitão, as companhias de cavalaria eram amalgamadas numa subunidade maior – o esquadrão – que era comandado pelo capitão mais antigo.

A organização da artilharia em unidades passou por um processo mais lento. No início da Idade Moderna, a artilharia era considerada mais um ofício mecânico do que uma atividade militar. Normalmente, o comandante da artilharia era um nobre ou um soldado experiente, mas, até o século XVI, os artilheiros e bombardeiros eram artífices civis contratados pelos exércitos em campanha. O transporte dos canhões e sua palamenta¹² também ficava a cargo de civis contratados como carreteiros e condutores de bestas de carga. Até o começo do século XVII, a artilharia era

12 Conjunto dos petrechos necessários ao serviço de uma boca-de-fogo.

majoritariamente destinada ao ataque e à defesa de posições fortificadas. Os canhões e suas carretas eram muito pesados, e sua movimentação no campo de batalha era quase impossível (MANUCY, 1949, p. 7-8).

Durante a Guerra dos 30 Anos, Gustavo Adolfo criou uma artilharia de campanha¹³ mais leve e móvel, dotada de canhões mais curtos e carretas mais leves, capazes de serem manobradas no campo de batalha. Também organizou a artilharia em três tipos: de sítio, dotada de canhões pesados; de campanha, mais móvel, equipada com canhões mais leves; e regimental, equipada com canhões pequenos, entregues aos regimentos de infantaria (FULLER, 1998, p. 98-99). Durante o reinado de Luís XIV (r. 1643-1715), o ministro da guerra Marquês de Louvois promoveu uma ampla reforma do Exército Francês, que incluiu a organização de um Regimento de Artilharia em 1671 (MANUCY, 1949, p. 8). Esta teria sido a primeira unidade de artilharia com caráter militar. Outros países seguiram o modelo francês, organizando companhias e regimentos de artilharia (DUNCAN, 1879; ESPAÑA, 1710).

Desde a Idade Média, os mestres artilheiros reuniam “baterias” de canhões, ou seja, conjuntos de peças de artilharia empregadas para “bater” muralhas de fortificações ou outros tipos de alvos. Inicialmente, o número de canhões de uma bateria era bastante variável, e dependia da disponibilidade de canhões e do alvo a ser batido. Com o decorrer do tempo, as baterias passaram a ser compostas por seis a doze bocas de fogo. Após a criação de unidades de artilharia, as baterias passaram a ser guarnecidas e operadas por companhias de artilheiros e bombardeiros. Mas não havia uma correspondência direta entre uma bateria e uma companhia de artilharia. Uma bateria de muitas bocas de fogo poderia exigir o efetivo de mais de uma companhia para sua operação. De forma inversa, uma mesma companhia poderia guarnecer mais de uma bateria de poucas peças. Baterias mistas de canhões, morteiros e obuseiros poderiam exigir pessoal de diferentes companhias especializadas – companhia de artilheiros, que operava canhões, e companhia de bombardeiros, que operava obuseiros e morteiros.¹⁴ Somente ao longo do século XIX, o termo bateria foi substituindo o termo companhia para designar as subunidades dos regimentos de artilharia.

Os regimentos de artilharia também foram subdivididos em unidades táticas de emprego do mesmo nível dos batalhões de infantaria. O Exército Francês usava o termo “grupo” para designar as unidades táticas dos regimentos de artilharia. Um grupo de artilharia reunia certo número de baterias sob o comando de um oficial superior. No Exército Britânico, o Real Regimento de Artilharia foi subdividido em dois batalhões em 1757. Em 1859, estas unidades táticas passaram a ser chamadas de “brigadas” (DUNCAN, 1879, p. 169-171). Mas designar como “brigada” uma unidade do nível de batalhão causava alguma confusão. Por isto, em 1938, as unidades táticas da artilharia britânicas do nível de batalhão passaram a ser chamadas “regimentos”. Ou seja o regimento administrativo de artilharia britânico é subdividido em diversas unidades táticas também chamadas regimentos.

13 A artilharia de campanha destina-se a apoiar, pelo fogo, as unidades de combate aproximado (infantaria e cavalaria). Difere da artilharia de posição, que guarnece fortes e fortalezas, e da artilharia de sítio, destinada ao assédio e derrocamento de fortificações.

14 Os canhões são peças de artilharia cujos tubos são longos e disparam projéteis de alta velocidade em trajetória tensa. Os obuseiros têm tubo mais curto e disparam projéteis de baixa velocidade em trajetória parabólica, para atingir o alvo em curva descendente abrupta. Os morteiros são peças de artilharia de tubo bastante curto, destinados a lançar bombas e granadas em trajetórias muito curvas, maiores do que 45°.

As Guerras Napoleônicas ofereceram o ambiente adequado para a consolidação de um modelo militar ocidental. Neste modelo, a infantaria era organizada em unidades de linha (ou pesadas), destinadas ao combate em ordem unida, e unidades de infantaria ligeira, que eram empregadas em ordem dispersa para ações de escaramuça e esclarecimento da frente. Normalmente, a infantaria de linha era organizada em regimentos de múltiplos batalhões, enquanto as unidades ligeiras – caçadores, atiradores e rifleiros¹⁵ – eram organizadas em batalhões independentes. Os regimentos de infantaria tinham efetivos previstos que variavam de 1.500 a 4.000 homens, enquanto os efetivos tabelares dos batalhões variavam de 500 a 1.000 homens. Deve-se ressaltar, entretanto, que estes efetivos raramente eram alcançados. Na cavalaria, havia regimentos de cavalaria pesada e ligeira, com denominações pitorescas mas pouco precisas em termos de suas funções – hussardos, ulanos, couraceiros, dragões, caçadores a cavalo etc. Independentemente da sua especialidade ou denominação, os regimentos de cavalaria eram subdivididos em esquadrões, cada um constituído pela reunião de duas companhias. Os efetivos teóricos dos regimentos maiores podiam chegar a mais de mil homens, mas os efetivos reais, em geral, ficavam em torno dos 500 cavaleiros, organizados em dois a quatro esquadrões. Na maioria dos exércitos europeus, a artilharia era organizada em regimentos, mas era empregada por baterias, compostas por cerca de 60 a 120 homens, organizados em uma ou duas companhias, que guarneciam e operavam cerca de seis a 12 bocas de fogo (MCNAB, 2009).

5 Brigadas e Divisões

A palavra “brigada” passou a integrar o vocabulário militar de forma permanente a partir da sua adoção por Maurício de Nassau para designar uma formação de infantaria composta por três ou quatro meio-regimentos de infantaria. Desde sua criação, a brigada caracteriza-se por certa superposição com o escalão regimento. Segundo a organização concebida por Nassau, a brigada era uma unidade tática temporária que concorria com o regimento. Como cada regimento neerlandês era composto por dois meio-regimentos, era necessário reunir dois regimentos para compor uma brigada. Caso os regimentos estivessem muito desfalcados, seria necessário usar os efetivos de mais regimentos. Por outro lado, a brigada não era composta por regimentos, mas por suas unidades táticas – os meio-regimentos. Em geral, a brigada era comandada pelo coronel com maior precedência militar dentre os comandantes dos regimentos reunidos para a compor (BRZEZINSKI, 1991). Esta superposição reflete-se até hoje no nível hierárquico dos oficiais que comandam as brigadas no mundo ocidental. Dependendo do país, o comando das brigadas pode ser exercido por um general-de-brigada¹⁶ ou por um coronel.

Até a Guerra dos Sete Anos, os exércitos europeus não tinham qualquer formação militar superior à brigada. Os exércitos marchavam em uma ou duas colunas densas, e os regimentos e brigadas eram disposto para a batalha em uma ou duas linhas. A formação das linhas de batalha implicava no movimento lateral das forças, à medida que a coluna chegava ao campo de batalha, o

15 Os atiradores e rifleiros eram tropas de infantaria usadas como atiradores de elite em combate disperso. Os rifleiros eram dotados de rifles, ou seja, fuzis ou carabinas de cano raiado, mais precisos do que os fuzis de cano liso.

16 Nos países de tradição militar anglo-germânica, “brigadeiro-general” ou, simplesmente, “brigadeiro”.

que era uma operação demorada e difícil de ser controlada. Em 1760, o marechal francês Victor-François de Broglie publicou sua *Instruction pour l'Armée du Roi*, na qual estabelecia a organização do exército em diversas “divisões”, que marchariam de forma independente por caminhos paralelos, abreviando o tempo de chegada ao campo de batalha e a tomada de dispositivo. Cada divisão deveria ser composta por quatro brigadas, e cada ala de cavalaria também formaria uma divisão (DE BROGLIE, 1760). Essa medida foi concebida para agilizar a tomada do dispositivo, mas, uma vez no campo de batalha, as divisões eram dissolvidas e o combate era conduzido de forma tradicional em linhas (TELP, 2005, p. 19). Finalmente, durante as Guerras da Revolução Francesa (1792-1801), o Ministro da Guerra Lazare Carnot formalizou a criação das divisões como grandes unidades de combate (SCHNEID, 2015). Foram organizadas divisões de infantaria e de cavalaria, constituídas por brigadas ou regimentos das armas correspondentes. Cada divisão contava com algumas baterias de artilharia, para prover seu próprio apoio de fogo, e era comandada por um general-de-divisão.¹⁷ O sistema divisionário dava grande flexibilidade de emprego ao comandante do exército, permitindo-lhe marchar em múltiplas colunas, cada uma com seus próprios meios de apoio de fogo e transporte. O emprego de divisões também permitia maior descentralização das ações de combate, principalmente em exércitos de grandes efetivos.

6 A Organização Militar Ocidental no século XX

A organização divisionária e regimental era um modelo adotado pela maioria dos exércitos ocidentais na primeira metade do século XX. Em linhas gerais, os exércitos eram compostos por divisões de infantaria e divisões de cavalaria, que eram reunidas em “corpos de exército”, para emprego em operações de grande vulto. As tropas de infantaria eram organizada em unidades de dois níveis: o regimento e o batalhão. Os regimentos de infantaria eram comandado por um coronel, e compunham-se de três a quatro batalhões, cada um comandado por um major. Os efetivos dos regimentos de infantaria eram de cerca de 3.000 a 4.000 homens. Ao longo do século XIX, o regimento passara a ser uma unidade tática com autonomia administrativa, tendo os batalhões como suas unidades táticas de combate. No começo do século XX, os batalhões eram organizados com três a quatro companhias comandadas por capitães. Os exércitos também contavam com batalhões de infantaria autônomos – não subordinados a regimentos. Esses batalhões independentes eram normalmente unidades de infantaria ligeira (caçadores), comandados por tenentes-coronéis. A cavalaria estava organizada em regimentos, cujas subunidades eram seus esquadrões, comandados por capitães. De forma semelhante à infantaria, os regimentos de artilharia eram compostos por duas a três unidades táticas chamadas “grupos”, “batalhões” ou “brigadas”, dependendo de cada exército. Estas unidades, por sua vez, eram compostas por duas a quatro baterias de quatro a seis bocas-de-fogo.

Esta era a organização “continental”, pois diferia do “sistema regimental britânico” consolidado com as reformas Caldwell-Childers nas décadas de 1870 e 1880. No sistema britânico, o regimento era uma unidade meramente administrativa e territorial, encarregado de recrutar e treinar seu pessoal. Era também uma instituição simbólica, encarregada de promover o espírito

17 Nos países de tradição militar anglo-germânica, o comando das divisões foi atribuído a um “major-general”.

de corpo que garantia o moral da tropa e sustentava os homens em combate. Em geral, cada regimento de infantaria britânico era constituído por dois batalhões, um dos quais era destinado ao serviço nas colônias ou em operações de guerra e o outro permanecia em sua sede, para prover a defesa do território metropolitano e para servir como depósito de pessoal para o recompletamento do batalhão desdobrado no exterior. Para emprego em operações, os batalhões eram subordinados a brigadas e divisões, mas era muito raro que dois batalhões do mesmo regimento integrassem a mesma brigada. Ou seja, no sistema regimental britânico – vigente até o presente –, o regimento de infantaria não é desdobrado no teatro de guerra e não faz parte da cadeia de comando das forças em operações. O sistema regimental britânico torna-se mais confuso no que diz respeito às unidades de cavalaria, artilharia e engenharia. Na cavalaria, o regimento é a unidade administrativa, mas também é a unidade tática equivalente ao batalhão. Assim, cada regimento administrativo de cavalaria possui um único regimento tático, normalmente com o mesmo nome. No que se refere às armas de artilharia e engenharia, o Exército Britânico tem apenas um regimento administrativo de cada arma – o *Royal Regiment of Artillery* e o *Corps of Royal Engineers* –, aos quais todos os regimentos táticos de artilharia e engenharia estão subordinados (FRENCH, 2008).

Durante a Primeira Guerra Mundial, nos principais exércitos envolvidos no conflito, as divisões de infantaria eram organizadas com duas ou três brigadas de infantaria, cada uma composta por cerca de 4.000 a 6.000 homens. Nos exércitos europeus continentais e no norte-americano, cada brigada era composta por dois regimentos; cada um desses regimentos era composto por três ou quatro batalhões de 800 a mil homens. No Exército Britânico, os batalhões subordinavam-se diretamente às brigadas, sem um escalão regimental intermediário. Além das unidades de infantaria – regimentos e batalhões –, as divisões de infantaria contavam com unidades de apoio ao combate – artilharia, engenharia e elementos de comunicações – e de apoio logístico, como colunas de suprimentos e elementos de apoio médico (BANKS, 2013, p. 34-37, p. 190). Essa estrutura de apoio permitia à divisão operar de forma autônoma, e fazia dela a “grande unidade” básica dos exércitos. Deve-se observar que as brigadas também eram “grandes unidades”, pois reuniam certo número de unidades – regimentos ou batalhões –, mas todas da mesma arma, e não contavam com unidades de apoio ao combate. A brigada não era, portanto, uma grande unidade autônoma e capaz de ser empregada de forma independente. Dependia da divisão para receber apoio de fogo, de engenharia e logístico.

Deve-se observar que, na organização continental, a cadeia de comando nas divisões de infantaria era mais longa do que no modelo britânico. Nos principais exércitos continentais, havia dois escalões de comando entre a divisão e o batalhão – a brigada e o regimento. Na organização britânica, havia apenas a brigada. A organização continental era quaternária (ou quadrangular), ou seja, cada divisão tinha quatro regimentos. Na organização britânica, a divisão era ternária (ou triangular), pois era organizada com três brigadas, mas estas eram quaternárias, ou seja, cada uma tinha quatro batalhões, o que resultava nos mesmos 12 batalhões das divisões continentais.

No período entreguerras mundiais, os principais exércitos ocidentais encurtaram a extensão da cadeia de comando, suprimindo o escalão brigada nas suas divisões de infantaria. A exceção era o Exército Britânico, cujas brigadas faziam as vezes dos regimentos. Ao mesmo tempo foi introduzida a organização ternária, na qual cada divisão de infantaria passou a ter três regimentos de três batalhões. As divisões de infantaria passaram a ser mais “leves”, com nove batalhões em lugar dos

12 da Primeira Guerra Mundial (Cf. FRANCE, 1967; MITCHAM JR., 2007; PALMER, 2014; WILSON, 1998). A perda do papel desempenhado pela cavalaria, diante do fogo das metralhadoras e da artilharia, levou ao quase completo desaparecimento das divisões de cavalaria nos principais exércitos ocidentais ou sua substituição por divisões blindadas e mecanizadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército dos Estados Unidos mantinha nominalmente apenas duas divisões de cavalaria, sendo uma delas equipada como infantaria. A outra foi extinta em 1944, e seu pessoal utilizado para compor unidades de serviços (WILSON, 1998, p. 191). No início da Guerra, o Exército Alemão tinha apenas uma divisão de cavalaria, que foi transformada em divisão blindada no inverno de 1941-42 (UNITED STATES, 1943). No mesmo período, a ordem de batalha do Exército Britânico tampouco incluía divisões de cavalaria. As correspondentes francesas foram sendo mecanizada e desapareceram após a Guerra. O desenvolvimento dos veículos blindados durante a Grande Guerra, por sua vez, fez surgirem as divisões blindadas e mecanizadas. Estas, dotadas majoritariamente com viaturas blindadas leves, aquelas, mais fortes em carros de combate. A Segunda Guerra Mundial também viu surgirem as divisões aerotransportadas¹⁸ ou paraquedistas.

A organização das divisões blindadas diferia bastante em cada um dos exércitos envolvidos no conflito. Mas, em linhas gerais, eram organizadas com três a seis batalhões de carros de combate, cada um com cerca de 50 carros, três a seis batalhões de infantaria motorizada ou mecanizada, três a quatro grupos (ou batalhões) de artilharia, um regimento ou batalhão de reconhecimento mecanizado, um batalhão de engenharia, além de elementos de comunicações, de defesa antiaérea e de apoio logístico. Os batalhões de infantaria mecanizada transportavam suas tropas em veículos blindados, enquanto os motorizados faziam-no em caminhões convencionais. A artilharia das divisões blindadas deveria ser dotada de canhões ou obuseiros autopropulsados, montados em veículos blindados. Cada divisão também podia ser dotada com um batalhão ou companhia de canhões anticarro, mas estes elementos podiam estar integrados aos batalhões de infantaria (Cf. FORCZYK, 2016; GRIFFITH, 2008; WILSON, 1998). A complexidade e variedade de organização das divisões blindadas decorria do seu caráter ainda experimental e das distintas características técnicas dos equipamentos com os quais suas unidades eram dotadas: proteção blindada, velocidade e poder de fogo dos carros de combate e demais veículos blindados; meios de comunicações móveis; tipo, calibre e mobilidade do material de artilharia e do armamento anticarro etc.

As divisões aerotransportadas tinham uma organização geral semelhante às de infantaria regular, apesar de serem dotadas de equipamentos mais ligeiros. Eram compostas por três regimentos de três batalhões e unidades de apoio ao combate e logístico.

O modelo divisionário de cadeia de comando encurtada consolidou-se após a Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, o Exército dos Estados Unidos fez experimentos com uma cadeia de comando divisionária ainda mais curta, eliminando o escalão regimento. Este modelo, chamado de divisão “pentômica”, foi concebido em meados da década de 1950, para o possível cenário de uma guerra atômica na Europa (BACEVICH, 1986). Para operar num campo de batalha caótico e com sérias dificuldades de comando e controle, a divisão “pentômica” seria organizada com cinco “grupos de batalha”, um batalhão de carros de combate e um esquadrão de reconhecimento meca-

18 Uso a palavra “aerotransportada” por ser a tradução mais precisa do termo inglês *airborne*, mas, na terminologia militar brasileira, usa-se o termo “aeroterrestre”.

nizado, apoiados por cinco batalhões de artilharia e baterias de canhões pesados e foguetes capazes de disparar projéteis nucleares táticos, além de outros elementos de apoio ao combate e logístico. O “grupo de batalha” era uma espécie de super batalhão, composto por cinco companhias de fuzileiros, uma companhia de morteiros pesados e uma companhia de comando e serviços. Seu efetivo era de cerca de 1.360 homens, bem acima do efetivo normal de um batalhão, mas bem menor do que o de um regimento da Segunda Guerra Mundial. O efetivo da divisão de infantaria “pentômica” era de 13.748 homens, não muito menor do que a divisão de infantaria da Guerra da Coréia (1950-1953), com 15.973 homens (WILSON, 1998). Mas a divisão “pentômica” foi abandonada no início da década de 1960, e as divisões americanas passaram a ser organizadas com três comandos de brigadas e nove a dez batalhões, além dos elementos de apoio. Para o combate, a divisão organizava suas brigadas, atribuindo-lhes certo número de batalhões e unidades de apoio (WILSON, 1998, p. 291-316). Este modelo foi o que predominou até o final do século XX.

Na década de 1950, o Exército Francês também introduziu importantes mudanças na estrutura de suas divisões. Em 1955, começou a implantar a divisão *Javelot*, que suprimia a brigada como escalão intermediário entre a divisão e o regimento. O modelo *Javelot* foi adotado nas divisões blindadas, paraquedistas e de infantaria motorizada e mecanizada. Nessa nova organização, os regimentos foram reduzidos para apenas quatro a seis companhias de manobra, mais outras companhias de apoio e reconhecimento. Este modelo eliminava o escalão batalhão entre o regimento e as companhias. Os regimentos franceses passam a funcionar como um único super batalhão, semelhante ao “grupo de batalha” da divisão “pentômica” americana. A divisão *Javelot* era composta por quatro a cinco regimentos de manobra, um regimento de artilharia, um regimento blindado de reconhecimento e outras unidades de apoio (JACKSON, 2005). Em consequência da nova estrutura dos regimentos, estas divisões tiveram seus efetivos reduzidos para cerca de 7.000 homens, ou seja, cerca de metade do efetivo de uma divisão da Segunda Guerra Mundial. O modelo *Javelot* foi concebido para ser empregado em caso de uma guerra atômica na Europa, mas funcionou muito bem na Expedição a Suez em 1956 e em operações contra forças irregulares na Guerra da Argélia (1954 e 1962). Um modelo semelhante foi finalmente adotado pelo exército francês em 1977 (Cf. BEAUGENDRE, 1976; OLIVEIRA, 1979).

7 Conclusão

O período examinado traça o percurso de criação e consolidação de um modelo militar ocidental, caracterizado por uma tipologia compartilhada de armas, unidades militares, suas subunidades e as grandes unidades que as enquadram e por uma terminologia comum para designar as unidades militares, a despeito de algumas divergências pontuais, decorrentes das experiências históricas de cada país. Também permite constatar a crescente complexidade e sofisticação das estruturas organizacionais das forças militares ocidentais, desde sua criação no século XVI, até o final do século XX. Começando com blocos maciços de soldados armados com piques e protegidos por blocos de mosqueteiros, os exércitos ocidentais chegaram ao final do século XX com grandes unidades compostas por tipos variados de unidades de combate, apoio ao combate e apoio logístico. Esta complexidade organizacional decorre não apenas do desenvolvimento tecnológico dos armamentos e equipamentos militares, mas também de aperfeiçoamentos puramente organizacionais.

Referências

1. Fontes documentais

ALCAZAR Y ZUÑIGA, M. **Arte de esquadronar y ejercicios de la Infanteria**. Madrid: Juan Garcia Infanzon, 1703.

CARRION PARDO, J. **Tratado como se deven formar los quatro esquadrones, en que milita nuestra nación española**: en que se hallaran cosas muy curiosas tocantes a al origen de las Armas. Lisboa: Antonio Alvarez, 1595.

DE BROGLIE, V.-F. **Instruction pour l'Armée du Roi, commandée par Mr. le Maréchal Duc de Broglie**. Francfort: Freres van Duren, 1760.

DUNDAS, D. **Principles of military movements**: chiefly applied to Infantry. London: T. Caldwell, 1788.

ESPAÑA. **Reglamento, y ordenanzas para la mas acertada, y puntual direccion de mi Artilleria de España, y el mejor servicio de todas sus Provincias, y particularmente del nuevo Regimiento de Artilleria que he mandado formar, y al presente sirve em mis Exercitos, y Plazas de España**. Madrid: Imprenta de Diego Martinez Abad, 1710.

ESPAÑA. **Ordenanzas de S. M. para el regimen, disciplina, subordinacion y servicio de sus Ejercitos**. Madrid: Oficina de Antonio Marín, 1768. t. 1.

ESPAÑA. Anexo XIII: Ordenanza de Génova (15 de noviembre de 1536). **Revista de Historia Militar**, Madrid, ano 61, n. 1, p. 300-311, 2017. Número extraordinário. Anexo 7.

FERRETTI, Francesco. **Della Osservanza Militare** del Capitan Francesco Ferretti d'Ancona, cauallieri di S. Stefano, Libri Due. Venetia: Appresso Camillo, & Rutili Borgominerij Fratelli, 1568.

FRANCE. **Ordonnance du Roy pour regler l'exercice de ses troupes d'Infanterie**. Toulon: Imprimerie de J. L. R. Mallard, 1776.

MELO, M. A. Regimento da Guerra (1570). In: SOUSA, A. C. (comp.). **Provas da historia genealogica da Casa Real Portuguesa** [...]. Lisboa: Regia Officina de Sylviana, e da Academia Real, 1744. t. 3, p. 252-304.

PAVE, R. B. **Instructions sur le fait de la Guerre**. Paris: Michel Vascosan & Galiot du Pré, 1548.

PRIORATO, G. G. **Maneio da cavallaria, escrito pello Conde Galeaço Gualdo Priorato, com annotaçõens de Dom João Mascarenhas Conde do Sabugal do Conso de Guerra d'El Rei Dom Affonso 6º.** [S. l.]: [s. n.], [166-]. Manuscrito.

SALAZAR, D. **Tratado de Re Militari.** Brusselas: Casa de Roger Velpius, 1590.

SCHAUMBOURG LIPPE, C. **Regulamento para o exercicio, e disciplina dos regimentos de infantaria dos exercitos de Sua Magestade Fidelissima [...].** Lisboa: Regia Officina Typografica, 1794.

VALLE, G. B. D. **Il Vallo.** [Napoli]: [s. n.], [1521].

VASCONCELOS, L. M. **Arte militar, dividida em tres partes.** Termo D'Alenquer: Vicente Alvarez, 1612.

THE SWEDISH discipline: religious, civile, and military [...]. London: Iohn Dawson for Nath: Butter and Nich: Bourne, 1632.

UNITED KINGDOM. **Rules and Regulations for the formations, field-exercise, and movements of His Majesty's Forces.** 2. ed. [London]: War-Office, 1795.

UNITED STATES. **Regulations for the order and discipline of the troops of the United States.** Philadelphia: Styner and Cist, 1779. pt. 1.

UNITED STATES. Military Intelligence Service. **Order of battle of the German Army:** April 1943. Washington, DC: Military Intelligence Service, 1943.

2. Referências bibliográficas

AYTON, A. The military careerist in fourteenth-century England. **Journal of Medieval History**, Abingdon, UK, v. 43, n. 1, p. 4-43, 2017.

BACEVICH, A. J. **The Pentomic Era: the US Army between Korea and Vietnam.** Washington, DC: National Defense University Press, 1986.

BANKS, A. **A military atlas of the First World War: a map history of the war of 1914-18 on land, at sea and in the air.** Commentary by Alan Palmer. Barnsley, UK: Pen & Sword Military, 2013.

BATTAGLIONE. In: PLANIGIANI, O.; BONOMI, F. (org.). **Vocabolario etimologico della lingua italiana.** [S. l.]: [s. n.], c2004-2008. Disponível em: <https://www.etimo.it/?pag=hom>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BEAUGENDRE, M. A. P. Exército francês: a reorganização de 1976. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, Ano 68, n. 694, p. 123-149, 1981.

BLACKMORE, D. J. **'Destructive and formidable'**: British infantry firepower, 1642-1765. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) – Nottingham Trent University, Nottingham, UK, 2012.

BRZEZINSKI, R. **The army of Gustavus Adolphus (1)**: infantry. Illustrated by Richard Hook. Oxford, UK: Osprey Publishing, 1991. (Osprey Military, 235).

CHASE, K. **Firearms**: a global history to 1700. New York: Cambridge University Press, 2008.

DUNCAN, F. **History of The Royal Regiment of Artillery**. 3. ed. London: John Murray, 1879. v. 1.

FEIO, G. C. **A guerra no Renascimento**: o ensino e a aprendizagem militares em Portugal e no Império: de D. Manoel I a Felipe II. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2018.

FORCZYK, R. A. **Tank warfare on the Eastern Front, 1943-1945**: Red Steamroller. Barnsley: Pen & Sword, 2016.

FRANCE. Ministère des Armées. **Guerre 1939-1945**: les grandes unités françaises: historiques succincts: 1939-1940: divisions. Paris: Imprimerie Nationale, 1967. v. 2.

FRENCH, D. **Military identities**: the regimental system, the British Army, and the British People, c. 1870-2000. New York: Oxford University Press, 2008.

FULLER, J. F. C. **Armament and History**: the influence of armament on History from the dawn of classical warfare to the end of the Second World War. New York: Da Capo, 1998.

GRIFFITH, P. **World War II desert tactics**. Illustrated by Adam Hook. Oxford, UK: Osprey Publishing, 2008.

GROOT, B. **Dutch armies of the 80 Years' War 1568–1648 (1)**: infantry. Illustrated by Gerry Embleton. Oxford, UK: Osprey Publishing, 2017. (Men-at-Arms, 510).

HOWARD, M. **A guerra na história da Europa**. Tradução de Jorge Pinheiro. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

JACKSON, P. D. **French ground forces organizational development for counterrevolutionary warfare between 1945 and 1962**. 2005. Tese (Mestrado em Arte e Ciência Militar) – US Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth, KS, 2005.

MANUCY, A. **Artillery through the ages: a short illustrated history of cannon, emphasizing types used in America.** Washington, DC: United States Government Printing Office, 1949.

MARTÍNEZ DE MERLO, J. La organización de los ejércitos en los Austrias. **Revista de Historia Militar**, Madrid, ano 61, n. 1, p. 135-186, 2017. Número extraordinário.

MCNAB, C. (ed.). **Armies of the Napoleonic Wars: an illustrated history.** Oxford, UK: Osprey Publishing, 2009.

MCNEILL, W. H. **The pursuit of power: technology, armed force, and society since A.D. 1000.** Chicago, IL: University of Chicago Press, 1984.

MITCHAM JR., S. W. **German order of battle: 1st – 290th infantry divisions in WWII.** Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 2007. v. 1.

OLIVEIRA, H. J. C. As comunicações na “Divisão 77”. **Revista Militar Brasileira**, Brasília, DF, ano 65, v. 115, n. 3, p. 3-32, 1979.

PALMER, R. Units & formations 1930-1956: divisions: infantry. **British Military History**, Barnstaple, 2 jan. 2014. Disponível em: <https://www.britishmilitaryhistory.co.uk/docs-units-formations-divisions-infantry>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PARKER, G. **The Army of Flanders and the Spanish Road 1567-1659.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

PUYPE, J. P. Victory at Nieuwpoort, 2 July 1600. In: HOEVEN, M. (ed.). **Exercise of arms: warfare in the Netherlands, 1568-1648.** Leiden: Brill Academic Publishers, 1997. p. 69-112.

RÉGIMENT. In: CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES. **Ortolang: Outils et Ressources pour un Traitement Optimisé de la LANGue: portail lexical: étymologie.** Nancy: CNRTL, c2012. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/etymologie/r%C3%A9giment>. Acesso em: 4 nov. 2019.

SCHNEID, F. C. The French Army. In: SCHNEID, F. C. (ed.). **European armies of the French Revolution, 1789–1802.** Norman, OK: University of Oklahoma Press, 2015. p. 13-35.

SQUADRA. In: PIANIGIANI, O.; BONOMI, F. **Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana.** [S. l.]: [s. n.], c2004-2008. Disponível em: <https://www.etimo.it/?pag=hom>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SQUADRONE. In: PIANIGIANI, O.; BONOMI, F. **Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana.** [S. l.]: [s. n.], c2004-2008. Disponível em: <https://www.etimo.it/?pag=hom>. Acesso em: 18 nov. 2019.

TELP, C. **The evolution of operational art, 1740-1813**: from Frederick the Great to Napoleon. Abingdon, UK: Frank Cass, 2005.

WILSON, J. B. **Maneuver and firepower**: the evolution of divisions and separated brigades. Washington, DC: US Army Center for Military History, 1998.